



Banguê

JORGE DE LIMA

Cadê você, meu paiz do Nordeste,
que eu não vi nessa Usina Central, Leão da minha
terra?

Ah! Usina, você enguliu os banguêsinhos do paiz
das Alagôas!

Você é grande, Usina Leão!

Você é forte, Usina Leão!

As suas turbinas têm o diabo no corpo!

Você uiva!

Você geme!

Você grita!

Você está dizendo que U. S. A. é grande!

Você está dizendo que U. S. A. é unica!

Mas eu estou dizendo que V. é triste

como uma igreja sem sino,

que você é mesmo um templo evangelico!

Onde é que está a alegria das bagaceiras?

O cheiro bom do mel, borbulhando nas tachas?

A tropa dos pães de assucar atrahindo arapuás?

Onde é que magem os meus bois trabalhadores?

Onde é que cantam meus caboclos lambanceiros?

Onde é que dormem de papos para o ar os bebe-
dores

de resto de alambique?

E os senhores de espora?

E as sinhás-donas de cocó?

E os cambiteiros, purgadores, negros queimados na
fornalha?

O seu cozinhador, Usina Leão, é esse tal de Mister
Cox

que tira da canna o que a canna póde dar

e não deixa nem bagaço

com um tiquinho de caldo

pra as abelhas chupar!

O meu banguêsinho era tão diferente,

vestidinho de branco, o chapéosinho do telhado sobre
os olhos

fumando o cigarro do boeiro pra namorar a mata
virgem.

Nos domingos tinha missa na capella

e depois da missa uma feira damnada:

a zabumba tirando esmolos para as almas;

e os cabras de faca de ponta na cintura,

a camisa por fóra das calças,

cacete de jucá com dente de cobra na ponta!

"Mão de milho a meia pataca!

Canna creoula pra quem gosta, molle"

Carretel marca Alexandre a doistões!"

Docê de banana comprida, de lata!

Cadê você, meu paiz de banguês

com as cantigas da bocca da moenda:

"tomba canna, João, que eu já tombei!"

E o eixo de massaranduba chorando

talvez os estragos que a cachaça ia fazer!

E a casa dos cobres com o seu mestre de assucar
potoqueiro,

com seu banqueiro avinhado,

e as tachas de mel, escumando,

escumando, como cachorro damnado!

E o banguê, que só sabia trabalhar cantando,

cantava em cima das tachas:

"Tempera o caldo, mulher, que a espuma assobe..."

Cadê a sua casa grande, banguê,

com as suas Dondons,

com as suas Têtês,

com as suas Benbens,

com as suas Donannas alcoviteiras?

Com os seus Totós e seus Pipius corredores de ca-
valhadas?

E as suas molecas catadoras de piólho,

e as suas negras Calús, que sabiam fazer manguzás.

manuês,

cuscús,

e as suas sinhás dengosas, amantes dos banhos do rio

e das rêdes de franja larga!

Cadê os nomes de você, banguê?

— Maravilha,

— Corredor,

— Cipó-branco,

— Fazendinha,

— Burrego d'agua,

— Menino Deus!

Ah! Usina Leão, você enguliu

os banguêsinhos do paiz das Alagôas!

Cadê seus quilombos com seus indios armados de
flecha,

com seus negros mucufas que sempre acabam ven-
didos,

tirando esmolos pra enterrar o rei do Congo!

"Folga, negro,

branco não vem cá!

se vier,

pau ha de levar!"

Você vai morrer, banguê!

Ainda hontem, seu Major Totonho do Sanharó
esticou a canella.

De noite se tomou uma kanninha

pra se ter força de chorar.

E se fez sentinella.

E você, banguêsinho, que faz tudo cantando,

foi cantar nos ouvidos do defunto:

"Totonho! Totonho!

Ouve a voz de quem te chama,

vem buscar aquella alma,

que ha treis dias te reclama!"

Banguê! Eu pensei que estavam

cantando nos ouvidos de você:

"Banguê! Banguê!

Ouve a voz de quem te chama!"

